

# A trajetória de Vânia Wiese: três décadas de trabalho na formação em Psicologia

*The trajectory of Vânia Wiese: three decades of work in training in Psychology*

**Allan Henrique Gomes**

**Jhonny William Candiotta Uttida**

**Manuella Bittencourt**

Vânia Wiese, joinvilense, graduou-se em 1990 na Faculdade de Psicologia de Joinville - SC, atualmente, Faculdade Guilherme Guimbala (FGG/ACE). Desde aquele ano, passou a trabalhar na ACE, inicialmente lecionando Psicologia Experimental e coordenando o Serviço Escola de Psicologia. Em 1997 começou a supervisionar estágios, em 1998 se especializou em Psicopedagogia em um curso ofertado pela ACE.

Com a abertura do curso de Psicologia da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) em 2005, Vânia passou a integrar o corpo docente da universidade em 2006, implantando a disciplina de Psicologia Experimental. Em 2007 assumiu a disciplina de Avaliação Psicológica.

Completando 30 anos de formação e carreira, Vânia conciliou o trabalho docente com a prática clínica, dedicando-se, durante um bom tempo, exclusivamente aos atendimentos infantis. Atualmente, além de lecionar Avaliação Psicológica e supervisão de estágio clínico na ACE e na UNIVILLE, permanece com a prática psicoterapêutica na abordagem psicodinâmica, atendendo crianças, jovens e adultos.

Na sexta-feira do dia 25 de setembro de 2020, logo no início da tarde, realizamos um encontro de modo online com a professora Vânia, inscrevendo a produção desta entrevista como um marco e uma singela homenagem pelas três décadas de contribuição à psicologia na cidade de Joinville e região. A entrevista foi realizada no formato narrativo, com algumas perguntas pensadas à priori e outras que ocorreram espontaneamente. Nesse sentido, pode-se dizer que foi um encontro bem ao *estilo Vânia Wiese*: espontaneidade nas emoções e nas palavras, generosidade nos detalhes e nas memórias de uma protagonista da Psicologia em Santa Catarina, especialmente, no litoral norte do estado.

O encontro foi gravado no formato audiovisual com o devido consentimento da convidada e, em seguida, transcrito e organizado no formato de texto para publicação. A versão final foi revisada e autorizada pela Vânia. Nossa gratidão à professora e psicóloga Vânia Wiese, referência docente e inspiração para uma geração de profissionais.

**Vânia, vamos iniciar pela escolha da Psicologia como profissão. Você é da primeira turma de Psicologia da FGG/ACE, ainda uma novidade na região lá na segunda metade dos anos oitenta. Conte-nos sobre essa decisão pela Psicologia.**

Eu venho de uma época em que não tínhamos muitas escolhas, as universidades particulares eram um pequeno número e as federais extremamente concorridas. Eu conheci e entrei em contato com a psicologia por meio da tia de uma das minhas melhores amigas quando estava no Ensino Médio.

No colégio, tinha a orientadora pedagógica que nos atendia separadamente com o objetivo de nos auxiliar em relação a área que tínhamos interesse. E assim foi a minha escolha pelo curso. Depois, o primeiro objetivo era fazer Psicologia Clínica. Naquela época, a maior parte das pessoas ia com

o objetivo de fazer Psicologia Organizacional ou Psicologia Clínica, Psicologia Escolar aqui em Joinville não existia até aquele momento, não tínhamos nem ideia do que poderia fazer o Psicólogo Escolar.

**Em paralelo à sua carreira de psicóloga está a sua trajetória como professora na graduação em psicologia. Como aconteceu essa mudança de estudante para professora e o interesse na docência?**

Quando eu estava no terceiro ano surgiu a oportunidade de realizar a prática de monitoria no Laboratório de Psicologia Experimental. A disciplina era dada pelo professor Romanelli, que vinha de Curitiba. Eu e uma amiga nos inscrevemos para o serviço de monitoria, e ali começou a minha trajetória na docência. Foram três anos como monitora. Quando estávamos no último ano, o professor Romanelli não vinha dar aula em algumas situações, então a gente entrava em sala para trabalharmos com conteúdos teóricos com os alunos.

Quando a primeira turma se formou - a minha foi a primeira turma do curso de Psicologia da ACE - o professor Romanelli não viria mais. Naquela época, a coordenadora do curso era a professora Roselane Fátima Campos. Ela me convidou para assumir a disciplina de Psicologia Experimental em 1990 e assumi também a coordenação do Serviço Escola da ACE nos anos de 1990 e 1991. Em 1997, comecei a dar supervisão de estágio e por um curto período assumi a disciplina de Psicologia Geral.

Em 2005, começou o curso de Psicologia da Univille. Eu fui para lá no ano de 2006 para implantar a disciplina de Psicologia Experimental e a partir de 2007 eu assumi também a disciplina de Avaliação Psicológica. Então comecei a comunicar à coordenadora do curso na Univille que estava cansada do trabalho com Psicologia Experimental e que pretendia ficar apenas com Avaliação Psicológica, que tinha mais a ver com a minha prática profissional de consultório.

**Vânia, você é referência no atendimento psicoterápico e na avaliação psicológica na região. Poderia falar do seu trabalho no consultório e da avaliação psicológica nesse contexto?**

Os meus primeiros dez anos de atividade profissional foram atendendo exclusivamente pacientes infantis. Quando a gente trabalha com crianças, existe a necessidade de se chegar a um diagnóstico. Não a um enquadre, pensando no sentido patológico da coisa, mas de buscar uma compreensão do que está acontecendo com aquela criança para poder explicar à família. Muitas situações são questões relacionadas, por exemplo, à aprendizagem, e o encaminhamento é outro. Mas quando diz respeito às questões de ordem afetiva, emocional ou comportamental, por exemplo, a família precisa de um retorno, uma vez que ela faz parte dessa dinâmica, desse dia a dia da criança.

Então, fui me envolvendo cada vez mais com avaliação psicológica. Sempre gostei muito, principalmente das práticas projetivas. Quando estava na graduação, eu gostava da disciplina de “testes” - na minha época, não se chamava Avaliação Psicológica. A minha professora, dona Ruth Rosemman, era de Curitiba e chegava aqui em Joinville antes do meio-dia para dar aula só à noite. Ela abriu a possibilidade de estudarmos testes - não chamávamos de instrumentos de avaliação como hoje - e trazia os testes que havia aplicado nos processos avaliativos que realizava. O grupo era formado por 4 pessoas que se reuniam semanalmente com ela, de forma extracurricular.

Essa interação foi muito rica para minha formação profissional, na construção do olhar para o uso dos instrumentos de avaliação. Não como algo para estabelecer um rótulo, categorizar, mas sim para ajudar na compreensão do que acontece com o sujeito. Então, apesar de eu não ter iniciado lecionando Avaliação Psicológica, eu também, como a gente diz por aí, bebi na fonte com a professora Ruth enquanto ela estava presente aqui. Foi uma pessoa que influenciou bastante a minha formação.

Assim, foi em 2007 que eu rompi o laço com a Psicologia Experimental na ACE e comecei a me dedicar à Avaliação Psicológica e à supervisão de estágio em clínica, que é o que eu venho fazendo até hoje. Então, de 2007 para cá, a minha atividade tem sido exclusivamente a Avaliação Psicológica, prática clínica e consultório, que sempre mantive.

**Vânia, você citou algumas pessoas importantes para sua carreira. Professores e profissionais que, de algum modo, contribuíram para a sua formação. Poderia citar outras referências do seu percurso formativo e profissional?**

Sim, tem muitas. O primeiro nome, com toda certeza, foi o professor Egídio Romanelli, que inclusive foi nosso nome de turma. Foi uma pessoa que fez desabrochar o interesse pela Psicologia. Depois, uma pessoa com quem eu tive o prazer de trabalhar foi a professora Dalva Marques, que foi minha professora de Biologia. Ela me influenciou muito no que diz respeito ao compromisso com o aprendizado do aluno. A professora Lize Chaves foi também uma referência para mim no que diz respeito ao compromisso profissional.

A professora Maria Helena Beraldi foi minha professora de Psicanálise e uma grande influência, porque eu me sentia em casa nas aulas dela. Quando lia os textos que ela solicitava, fazia todo sentido para mim. Assim, fui delineando, a partir desse contato, a escolha do que seria a abordagem que iria referenciar a minha prática. Entra um pouco aquela história de que não é a gente que escolhe a abordagem, mas é ela que nos escolhe. Porque tem que existir esse casamento, esse sentido. Parece que a gente se incorpora com isso que traz esse sentido.

O professor Elso Pinto, que lecionava a disciplina de Técnicas e Teorias Psicoterápicas, trabalhava as diferentes abordagens teóricas. Lembro que fez muito sentido quando ele trabalhou conosco a Terapia Centrada na Pessoa. A professora Roselane Fátima Campos foi uma influência muito positiva, ela

assumi a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e a coordenação do curso. A Rose participou não só do meu processo de graduação, mas depois quando eu fiz pós em Psicopedagogia, inclusive ela foi minha orientadora no trabalho que eu desenvolvi na especialização.

Ainda como professores que me marcaram tem o professor Sérgio Gevaerd, que foi nosso professor de Psicopatologia e paraninfo da nossa turma. O Sérgio era uma pessoa com uma habilidade em articular teoria e prática muito grande. A Sônia Roncaglio também, era nossa professora de Didática e Prática de Ensino. Acho que tem um pouco da influência dela para desenvolver esse viés mais para a docência, junto com a prática clínica.

Assim começou a minha trajetória na docência, e posso dizer que estar em contato com os alunos, com a vida acadêmica, fez toda diferença na minha vida. Porque eu era uma pessoa extremamente tímida, na hora de falar eu me escondia. Hoje, se é para falar, eu sou a primeira a levantar o braço.

**Vânia, sabemos que a psicologia está sempre em movimento e a formação precisa acompanhá-la. Poderia nos falar um pouco sobre como você pensa a formação em psicologia e as mudanças ao longo desses anos?**

Existe uma necessidade de estarmos constantemente no processo de desconforto, no sentido de não se acomodar, de acompanhar tudo que está acontecendo. Na época em que eu me formei não existia o SUS, a gente não viu nada sobre isso na graduação, tudo isso só foi implantado depois. Quando eu entrei na graduação, em 1985, a gente não tinha eleições diretas ainda, era uma outra realidade, muita coisa mudou nesses 30 anos.

Eu penso que a nossa formação era muito voltada a um aspecto remediativo. A Psicologia hoje, e da forma que sempre acreditei, tem que trabalhar com o objetivo de prevenção. Claro que vão existir algumas situações

em que não vai ter outra saída, não tem como você prevenir alguém de ter, por exemplo, um conflito ocasionado pela morte de alguém da família, perda de um emprego ou surgimento de uma doença crônica. É óbvio que, nesses casos, a gente vai trabalhar de uma outra forma. Mas existem inúmeras situações em que a gente pode se envolver em um trabalho mais voltado ao aspecto preventivo, para o esclarecimento da população.

Então, dentro dessa caminhada pela docência, eu fui também olhando as coisas por essa perspectiva. O modo como eu trabalho com a disciplina de Avaliação Psicológica é tomando esse cuidado. Quando inicio meu contato com os alunos eu sempre coloco que a Avaliação Psicológica não tem essa intenção de fazer uma categorização ou uma classificação nosológica. É sobre o que a gente pode fazer a partir desse conhecimento, que possibilidades existem. Aí entra esse papel informativo que eu entendo que faz parte da função do profissional de psicologia, e não que “ah, eu tenho um saber que não pode ser compartilhado”, não, a gente precisa instrumentalizar as pessoas, e é isso que eu trabalho também com os estagiários na prática clínica.

O entendimento dessa busca pelo atendimento, desse encontro com a pessoa que nos procura na clínica, precisa ser o entendimento que a gente tem quando recebe um bebê para cuidar. Inicialmente, ele chega sem recursos para realizar os cuidados com ele mesmo em função do nível de fragilidade. Mas temos que ter clareza que nós vamos acompanhá-lo, no sentido de favorecer a ele o desenvolvimento de recursos para que possa caminhar sozinho, indo ao encontro daquilo que a Margaret Mahler denomina como “processo de separação - individuação”. Esse processo acontece com a criança em relação à mãe até os 36 meses, quando a criança já sabe se deslocar sozinha e já tem vocabulário para comunicar o que ela precisa.

É isso que a gente precisa construir também na relação com os pacientes, e não os tornar dependentes. Já tive muitos relatos de pessoas que, na relação terapêutica, tem essa ideia, que é reforçada muitas vezes pelo próprio psicólogo, de que o paciente precisa do psicólogo, que o psicólogo é indispensável na vida do paciente. Não, não é isso.

Isso é uma coisa que eu sempre procuro trabalhar também, essa minha perspectiva enquanto formadora de profissionais, no sentido de que a gente não é esse ser onipotente e indispensável. A gente tem um conhecimento e esse conhecimento é para ser aplicado em benefício daquele que procura o serviço.

**Aproveitando que você entrou nessa questão da clínica, você comentou que, no início, a sua prática foi exclusivamente com crianças. Você pode comentar um pouco mais sobre sua trajetória na clínica com crianças e como isso se desenvolveu?**

O começo não foi fácil. Eu tinha 21 anos quando me formei. As crianças não vêm sozinhas para o atendimento, elas dependem dos pais, e eles esperam alguém que imaginam que entenda mais de filhos do que eles. Muitos têm esse entendimento de que quando eles vão buscar um profissional da psicologia, precisam de um conhecimento que é técnico, científico. Mas, a maioria vai esperando também um acolhimento pessoal, ou seja, uma figura de pai ou de mãe. Algo como: “eu estou aqui com uma criança e não sei o que faço com ela, então quero olhar para você e espero, no sentido amplo da coisa, que você possa me acolher”. E, inicialmente, eu só podia acolher esses pais com o conhecimento técnico. Eu não era mãe, e muitas pessoas imaginam que, pelo fato de que você não é mãe, você não pode entender o que o outro sente na relação com o seu filho.

Essas foram as maiores dificuldades que encontrei no início. Hoje vejo até como uma coisa positiva o fato de ainda não ser mãe na época, porque são papéis totalmente diferentes. Foi muito importante poder construir o papel profissional do terapeuta infantil sem essa relação materna, porque o terapeuta para a criança é alguém com quem ela se relaciona de igual para igual. Eu tenho um paciente que, ano passado, olhou para mim num dia, enquanto a gente estava jogando futebol, e disse: “meu Vânia, mas tu tá parecendo a minha avó”. Aí pensei comigo “o que será que ele quer dizer com isso, em que sentido?”.



Olhei para ele e perguntei “como assim? De que forma me pareço com a sua avó?”. Claro que tinha que ser esclarecido naquela situação. E ele olhou para mim e disse “tu parece ruim, mas é boa na bola, e a minha avó também”.

O atendimento com crianças exige de nós justamente esses dois envolvimentos. O envolvimento com o conteúdo simbólico o tempo inteiro, ou seja, “tu tá parecendo a minha avó”. Opa, como assim? No que eu me pareço com ela? Enquanto isso eu estou ali no esforço físico, jogando bola, não estou sentada confortável na poltrona, tendo que só estabelecer relações entre o que o paciente conversa. Ele está ali na ação e trazendo um elemento simbólico, trazendo um conteúdo verbal, e tudo isso precisa ser articulado com todas essas informações que eu tenho a respeito da história dele para gerar uma interpretação.

Então o atendimento infantil, em termos de investimento de energia, exige o dobro da gente do que o atendimento de um paciente adulto. E justamente por conta disso, depois desses dez anos iniciais atendendo só crianças, eu também comecei a atender adultos, pela necessidade de dar uma intercalada nos atendimentos. Mas é uma coisa muito boa, porque eu acho que as crianças trazem uma energia muito positiva para a gente. Por isso eu continuo atendendo crianças, mas não em número tão grande de pacientes, e fui me direcionando mais para o adulto. E cada vez mais aumentando meu compromisso com a docência.

O trabalho clínico é um trabalho denso. Ele é solitário e ele é denso, porque não é só aquele momento do atendimento. Depois do atendimento você vai fazer o preenchimento do prontuário, no que você vai organizando o prontuário você vai identificando quais são as necessidades que precisam ser trabalhados com aquele paciente, o que você precisa estudar, no que você precisa se aprofundar. Como no meu trabalho com crianças, recursos que podem ser úteis para aquela criança. Então não termina ali naqueles 45 ou 50 minutos.

Agora nos últimos anos, no ano em que o Julio adoeceu, eu acabei me distanciando um pouco da clínica no sentido de, naquele período, não aceitar pacientes novos, porque eu tinha uma questão familiar a qual eu precisava olhar. Na prática clínica é muito importante essa questão do reconhecimento dos limites, do que eu dou conta nesse momento.

E agora veio essa situação da pandemia, que mudou a vida de todo mundo. Alguns pacientes adultos não estão conseguindo realizar o atendimento na modalidade online e no momento eu tenho três pacientes infantis. Com as crianças, estou realizando atendimento domiciliar, em função das questões de segurança. Elas já eram atendidas por mim antes, então eu vou até a casa delas. Já existia um entendimento do que é o acompanhamento psicoterápico e por isso foi fácil fazer um combinado com os pais sobre a necessidade de ter um espaço privado em casa no horário em que eu fosse atender a criança, e que ela não tivesse outra atividade. Meu percurso na clínica foi desse jeito, começando com crianças e atualmente atendendo crianças e adultos.

**Você falou do Julio agora há pouco e sabemos da grande parceria entre vocês. Poderia nos contar um pouco dessa história?**

Muita gente, quando chegava na minha disciplina no terceiro ano, perguntava “ah, você é a esposa do Julio?”. Eu sempre dizia, sim, também sou! Mas primeiro, eu sou a Vânia, a professora de Avaliação Psicológica.

O Julio foi meu professor de Psicomotricidade na graduação. Se há pouco tempo achavam que ele tocava o terror, vocês não imaginam o que ele fazia na nossa época [risos]. Era pegar uma folha do caderno e ele ditava a pergunta. A gente não podia escrever a pergunta na folha, só podia escrever a resposta. Era um desespero, o dia de prova de Psicomotricidade.

O Julio não lecionava só na psicologia, ele era fisioterapeuta também. Primeiro terminou o curso de Fisioterapia para depois fazer Psicologia. Quando

ele foi contratado pela ACE, ele veio tanto para a Fisioterapia como para a Psicologia. Ele tinha mais horas na Fisioterapia no início, e começou na Psicologia com Psicomotricidade.

Nós tínhamos um grupo com cinco amigas que queriam aprender o que era a tal da Ludoterapia. Quando estávamos no quarto ano, a Rose, coordenadora do curso, precisava implantar a clínica, o Serviço Escola, porque no ano seguinte nós teríamos que ter um local para estágio. Nós apresentamos junto com o Julio uma proposta para a Rose de que esse grupo, sob orientação do dele, começasse a realizar triagem e avaliação para compor uma fila de espera para o ano seguinte, quando a gente iria iniciar a prática.

Quando a gente se formou, em 1990, a Ana Cristina, a Denise e eu montamos um consultório. O Julio, quando vinha de Curitiba, começou a atender algumas pessoas aqui em Joinville, ele atendia num espaço na ACE. Alguns professores faziam isso. Por volta de 1992 ou 1993, a Ana Cristina e eu fazíamos supervisão de infantil com ele. No último ano da graduação, nós duas e mais algumas pessoas da minha turma começamos a formação em Ludoterapia com ele e com a Marilena Sielski que era sócia dele em Curitiba.

Depois de concluída a formação, a Ana e eu realizávamos os atendimentos na clínica e começamos a fazer supervisão com o Julio, então tínhamos um horário por semana com ele. Nós fazíamos supervisão na ACE, naquele espaço em que o Julio também atendia, e em um daqueles encontros surgiu a ideia: como ele fazia atendimentos aos sábados e a gente não usava nosso consultório aos sábados, perguntamos se ele não queria começar a atender no nosso consultório.

No ano em que abriu o shopping Mueller em Joinville, o Julio foi convidado para assumir a coordenação do curso aqui. Então ele começou a passar mais tempo no consultório e eu fui conhecendo mais o Julio pessoa e não só o Julio professor, profissional. Porque realmente, ele acabou vindo para Joinville. E foi aí nesse momento, por 1995, que aconteceu essa passagem da relação de aluna, supervisionanda, para namorada e esposa. Foi ali, em 1995

para 1996. Eu já tinha 6 anos de formada e foi aí que o tipo de relação foi gradativamente mudando.

A gente tinha muito bem estabelecido os papéis e eu acho que ainda hoje a gente consegue ter isso, uma relação de proximidade com os alunos sem que um invada o espaço do outro. E nós também tínhamos isso com os nossos professores. Alguns mais, outros menos, tinham professores mais reservados.

**Vânia, pensando na sua experiência na clínica com crianças, você pode falar um pouco sobre o modo como você vê essas transformações na infância e nas famílias? Nesse tempo você também vem acompanhando, na condição de psicóloga clínica, essas transformações na infância. Pode falar um pouco do seu olhar a respeito desse processo?**

Tem muita coisa para falar a respeito disso. O papel dos pais nessas últimas gerações mudou muito. Até a década de 70, os pais tinham total controle sobre tudo que os filhos faziam. Na tentativa de uma mudança desse processo, houve uma certa negligência, uma certa confusão de papéis, a gente pode dizer. Nessa tentativa de aproximação com os filhos, muitos pais deixaram de exercer também a função de autoridade em casa, no sentido de ser aquele que precisa estabelecer o limite, que precisa dar essa contenção para que a criança se sinta segura.

A criança vai experimentando o tempo todo na relação com o adulto até onde ela pode ir. Se o adulto não se apresenta como aquele que diz a ela “opa, agora deu”, ela não vai reconhecê-lo como uma figura de autoridade, ela vai reconhecê-lo como um igual.

Agora, eu vejo hoje uma preocupação dos pais em retomar um pouco essa relação, de que “eu tenho um papel aqui que é de te orientar, não só de ser teu amigo”. Mas, a partir de questões que também vivenciei, posso entender porque

alguns pais se perderam tanto. A minha geração de mulheres, por exemplo, foi educada para ser a Mulher Maravilha. A gente podia ir para a universidade, mas a gente tinha que saber lavar, passar, cozinhar, costurar, fazer tudo, e não existia uma estrutura que nos auxiliasse na relação com o cuidado com nossos filhos.

Hoje, nós temos estruturas escolares que são o resultado dessa necessidade de a mulher ter ido para o mercado de trabalho e ter com quem deixar os seus filhos, de uma forma segura e com papéis definidos, exercendo uma função a partir daquilo que era escolha dos pais. Mas, aí eu falo mais das mães, quando um casal ia para o mercado de trabalho, elas tiveram que se submeter por muito tempo a deixar os seus filhos com pessoas que não estavam preparadas para cuidar dessas crianças, ou com os avós que interferiam na relação de autoridade que esses pais tinham com essas crianças, e isso criou uma série de dificuldades.

Hoje, o maior desafio que eu vejo na relação dos pais com as crianças tem sido a interferência das redes sociais. Essa tem sido uma das grandes demandas do atendimento infantil. Eu, particularmente, não acompanho nenhum caso desse, mas as pesquisas e os relatos de conhecidos demonstram bastante isso, que a gente vai ter que encontrar o meio termo. Isso tem causado adoecimento, e a gente também está vendo um pouco disso na necessidade do nosso trabalho estar um pouco mais no virtual. Se a gente não tomar um certo cuidado, a gente é engolido por esse universo. Você acaba ficando 24 horas refém do que vem por essa demanda da virtualização.

**Vânia, me chama a atenção, conforme você vai falando, esses diferentes momentos da psicologia que você já presenciou. Então, poderia comentar sobre como você vê a psicologia hoje e se você consegue projetar os próximos momentos?**

Há algum tempo eu já venho falando na disciplina de Avaliação Psicológica sobre a realidade dos recursos que a gente tem hoje para avaliação online. Nós já temos alguns instrumentos para aplicação online e temos muitos instrumentos que a correção também pode ser realizada de forma informatizada.

Então, caminhamos cada vez mais para essa adequação de recursos utilizados na psicologia para essa nova era, mas isso não exclui a necessidade de compreendermos como os instrumentos de avaliação são construídos, como se dá sua correção da forma manual e a elaboração de um documento psicológico. Na medida em que a gente tem as correções realizadas online, a plataforma gera um relatório da correção daquele instrumento. Mas a gente continua diante da necessidade de fazer a integração dessas informações com toda a história daquele indivíduo, daquilo que a gente observa na relação presencial com ele. Além disso, vão existir situações em que não será possível esse contato. Como agora, muitas empresas estão necessitando realizar contratações e só estão podendo fazer isso dessa forma, como nós estamos conversando aqui hoje.

Eu vejo que precisamos nos adaptar a essas novas demandas. Em alguns casos, há uma dificuldade maior, como no caso das crianças, porque, em primeiro lugar, a gente não pode garantir para a criança o sigilo em relação ao atendimento. Se ela está na casa dela e eu estou em outro espaço realizando o atendimento, não tenho como controlar se alguém da casa está ou não tendo acesso àquilo que a gente possa eventualmente estar trabalhando, e algumas questões no atendimento infantil são praticamente impossíveis de manejar no atendimento virtual.

Mas existem muitas coisas que a gente pode fazer com o uso desse recurso, como no contato com os pais. Muitos têm dificuldades de se deslocar até o consultório em função do horário de trabalho. Então, acho que a gente pode e deve usar desses recursos e estratégias, mas tomando o cuidado de não tornar a psicologia impessoal, porque a psicologia se faz no presencial.

Tenho receio da formação dessa nova geração de profissionais psicólogos nesse momento de transição que nós estamos vivendo. O atendimento online já era uma realidade, ele não se colocou agora na situação da pandemia. Mas precisa existir um cuidado e um controle muito grande em relação à maneira como isso é realizado. Eu não sei nem se consigo avaliar agora como as coisas estarão daqui há cinco ou dez anos, mas eu tenho certeza de que elas terão um formato diferente.

Eu digo que, quando passar essa pandemia, vai ser o momento de a gente se debruçar sobre o que nós vivemos e da forma como trabalhamos agora para pensar justamente em novas possibilidades. Porque nós, como supervisores de estágio em clínica, temos discutido sobre muitas coisas que são possíveis de serem realizadas por meio de recursos online.

**Eu escutei alguém falar outro dia, e achei muito pertinente, que essa revolução já estava em andamento, a revolução tecnológica. Essa pandemia acelerou.**

No nosso papel de formadores de psicoterapeutas, cabe agora a nós a responsabilidade de lidar com isso e de preparar essa nova geração de psicólogos para essa possibilidade de atuação também. Não é substituir uma coisa por outra, é ver nisso também uma possibilidade. Sobretudo, nesses anos todos, o que eu digo que me mantém trabalhando é justamente o desenvolvimento de uma capacidade de se ajustar a essas novas necessidades.

Se hoje a gente ainda estivesse pensando em trabalhar, por exemplo, com crianças, como a Melanie Klein, que excluía os pais do processo terapêutico, a gente não sobreviveria, porque hoje o ECA coloca que os pais têm direito a saber o que acontece com os seus filhos, eles têm o dever de se responsabilizar por essa criança. Então eu não posso ir contra isso. Mas gostaria de ressaltar que é apenas no que diz respeito à participação dos pais, e não sobre a teoria formulada por ela, que continua sendo de extrema relevância.

A gente vai construindo as novas práticas a partir de tudo isso que vem acontecendo paralelamente à Psicologia, que são demandas universais. A gente não pode ir contra o que diz os Direitos Humanos, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Estatuto do Idoso. Existe essa necessidade constante de ir associando aquilo que acontece enquanto desenvolvimento ou mudanças na sociedade, no sistema econômico, financeiro, e entender o que é adequado e o que não é. Está certo que temos os teóricos como base, mas o mundo não funciona mais como no século passado. A gente precisa se adequar ao que está acontecendo agora. É essa capacidade de ajustamento, a coisa da neuroplasticidade também.

**Os graduandos não imaginam os desafios pessoais dos professores. E você, muito honesta, muito transparente com tudo. Tem mais algum desafio que você lembra agora da sua trajetória, especialmente no trabalho docente, como professora?**

Um dos maiores desafios talvez tenha sido a introdução da virtualização, da era digital na vida acadêmica. Na minha época de graduação não existia consulta online, era livro. Nossos relatórios, nossas pesquisas, eram em livro. Essa história de ter computador em casa ou ter contato com esses recursos veio bem depois. Os nossos relatórios eram datilografados, e pensar no quanto evoluiu rapidamente.

Eu acho que esse foi o maior desafio para mim, e esse ano, com a necessidade das aulas virtuais. O que me ajudou muito foi o programa que a gente tem na Univille de capacitação docente todo início de ano. Alguns recursos eu já conhecia, eu sempre procurei me inscrever em oficinas para aprender alguma coisa da utilização das mídias associadas à educação. Mas a minha maior dificuldade ainda hoje é essa.

Os professores mais jovens já têm mais facilidade. Em termos de estrutura eu sei, “ah, vou planejar uma aula e depois vamos fazer lá um quiz



no final da aula, vou elaborar um negócio no Kahoot para o pessoal fazer uma competição”. Eu sei como faz, mas eu demoro para fazer. Para mim, é difícil operacionalizar isso. Mas eu já estou feliz que eu conheço os recursos. Como aluna também, na pós - eu estou fazendo pós em Avaliação Psicológica - esses dias a gente teve aula e uma atividade para fazer online, eu consegui me organizar com uma dupla para fazer e postar.

Outro ponto é gerenciar toda essa agenda online que temos hoje, já não dou mais conta. Quando abro a agenda, eu quero encaixar a mesma quantidade de tarefas que eu conseguia encaixar num período há 10 anos atrás, mas hoje em dia eu não consigo mais. É difícil esse processo de entender que você precisa de um tempo maior, e que isso não significa que você está emburrecendo, mas que faz parte do processo de envelhecimento. Eu não considero uma pessoa na faixa dos 50 anos uma pessoa velha, mas a gente sabe que, em termos de atenção, concentração e de memória - ainda bem que a gente tem conhecimento sobre isso - diminui a nossa capacidade de gerenciar uma série de coisas.

Com esses desafios impostos pela docência eu pude trabalhar muitas dessas dificuldades na minha psicoterapia, desenvolvendo habilidades, recursos que eu não tinha, acreditando que eu era capaz de transmitir aquilo que eu conhecia. Várias coisas na docência foram me apaixonando, como essa possibilidade de troca com os colegas de trabalho, com os alunos e essas trocas também sempre foram muito ricas.

**Vânia, todos esses anos como professora você participou da formação de vários psicólogos. Acho que então, para fechar, você poderia falar sobre as suas realizações na docência?**

Eu posso dizer que a docência me realiza nessa possibilidade de troca, de poder estar crescendo e ver o crescimento, acompanhar o desabrochar dos alunos. Esse processo de chegada e de saída, de como vocês chegam com uma percepção enquanto aluno, e o profissional que você começa a se tornar na saída

do curso. Tem um diálogo digital do Conselho Federal que fala sobre a formação do psicoterapeuta, um dos debatedores diz que a graduação é uma vírgula no processo de formação, e a partir daí você vai ter que escolher uma abordagem que vai direcionar o teu trabalho. Mas você chegou cru no primeiro ano do curso e você sai tendo construído uma identidade ao longo do curso, sobretudo com a possibilidade das práticas.

Eu vou te dizer que tenho aqui uma caixa, com bilhetes, cartas, manifestações de tudo que é tipo, memórias afetivas, sabe? Você perceber que conseguiu fazer a diferença na vida de alguém, que você afetou e também foi afetada. Eu só continuo porque eu também sou afetada nessa relação. Então isso é muito gratificante, saber que você é capaz de contribuir com alguma coisa na construção da profissão de alguém.

Como eu tive as minhas oportunidades, como o professor Romanelli confiou em mim, como a professora Ruth confiou em mim, como a professora Roselane deu a minha primeira oportunidade de trabalho, eu sei que a gente está aqui preparando quem vai nos substituir. Eu sempre penso assim. Eu gosto do que eu faço, mas eu não vou ficar aqui para sempre e eu quero que alguém faça as coisas com a seriedade que a gente faz, é isso que eu procuro passar nesse meu trabalho.

Uma coisa que me emocionou muito uma vez no final de um ano letivo foi quando uma estagiária levou para a supervisão um desenho que a pacientinha dela tinha feito para mim. No último atendimento a criança veio com uma cartinha e um desenho que ela fez para a estagiária e o outro era para mim. A criança disse para a terapeuta: “esse aqui é para você e esse aqui é para aquela professora que você falou quando a gente se conheceu, com quem você conversa toda semana sobre o que nós fazemos aqui”. Gente, aquilo foi tão significativo para mim! A compreensão da criança, o zelo, o cuidado que se tinha em relação às demandas dela, e que a terapeuta dela estava cuidando daquilo com responsabilidade, discutindo com a professora. Isso não tem preço.

Em 2017 a Aline [filha] e eu já tínhamos comprado em maio ingressos para ir ver o Bon Jovi no Rock in Rio. O Rock in Rio é sempre em setembro, mas o Julio estava internado, não estava bem, então a gente decidiu não ir. Aí o Rangel, que era meu vizinho, tinha o costume de combinar jantares com os alunos e sempre me metia nessa. Naquele ano teve um jantar por aquela época e os alunos falaram: “olha professora, tu não pode ver o Bon Jovi no Rio mas a gente vai tocar e cantar Bon Jovi pra ti”. E tocaram e cantaram.

Essa possibilidade de você também mostrar um pouco de você, de quem você é, não é uma coisa que eu vou discutir com um paciente, mas com o aluno eu posso conversar. É uma tarefa na qual eu não me sinto solitária. Porque a prática no consultório é uma prática solitária, e eu não gosto de trabalhar sozinha, por isso que a docência é tão gratificante, tanto na relação com os alunos como também com meus colegas de trabalho, com os outros professores.

**Vânia, agradecemos sua disponibilidade e generosidade ao compartilhar parte da sua história e da sua trajetória, bem como os seus conhecimentos sobre a psicologia ao longo dessas três décadas! Deixamos nossos votos de que sua experiência continue contribuindo para a formação de muitas psicólogas e psicólogos, e que você tenha muitas alegrias por vir nesse percurso.**

### **Allan Henrique Gomes**

Doutor em Psicologia (UFSC), professor do curso de Psicologia (ACE/FGG), docente do Programa de Pós Graduação em Educação (UNIVILLE).  
allanpsi@yahoo.com.br

### **Jhonny William Candiotto Uttida**

Psicólogo (ACE/FGG). Pós-graduando em Psicologia Social (ACE/FGG). Foi bolsista de iniciação científica (UNIEDU) vinculado ao Laboratório de Psicologia Social Comunitária (ACE/FGG). jhonny.uttida@gmail.com

**Manuella Bittencourt**

Acadêmica do 5º ano do curso de Psicologia da ACE/FGG. Pós-graduanda em Psicologia Social (ACE/FGG). Bolsista de monitoria do Laboratório Interdisciplinar de Saúde Coletiva (LISC). manu.bitten@hotmail.com